



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação

Básica

Everson Sofiste y Guthierrez

Vídeo educativo:

Relações de gênero no recreio de uma escola

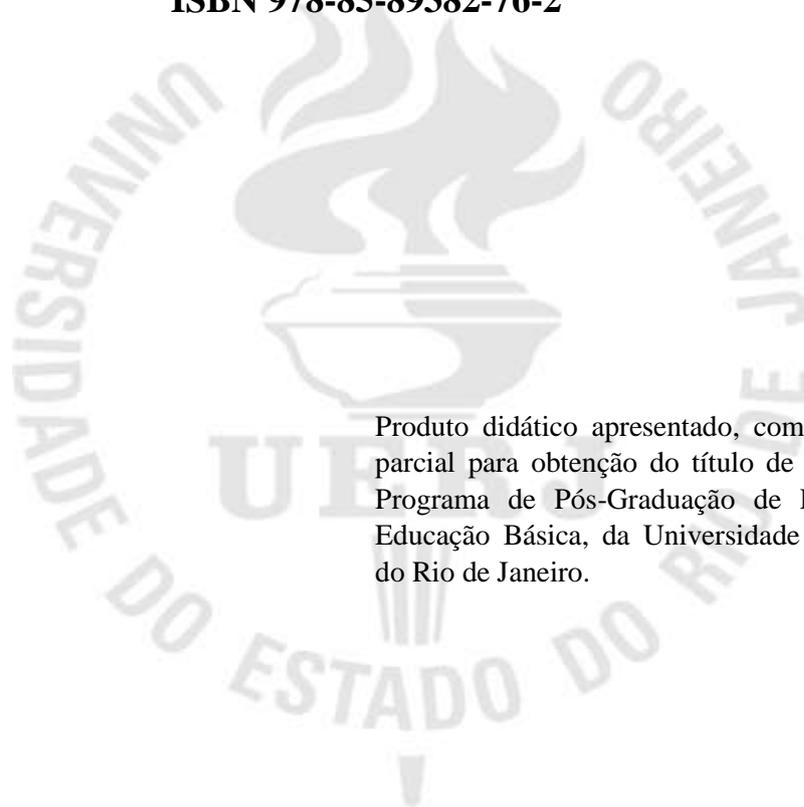
Rio de Janeiro 2019

Everson Sofiste y Guthierrez

Vídeo educativo:

Relações de gênero no recreio de uma escola

ISBN 978-85-89382-76-2



Produto didático apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Jonê Carla Baião

1. O vídeo como recurso didático (Produto).

No vídeo, vejo-me como sou visto, descubro como os outros me veem. Vejo-me para me compreender. (Ferrés, 1996, p.52)

Tenho observado, diariamente, na Escola da Praia, que o ver e fazer vídeos são práticas importantes para os alunos. Exemplo disso, no recreio, os jovens podem utilizar seus aparelhos eletrônicos para o lazer e para estudar. Para alguns jovens os vídeos assistidos no canal *YouTube*, por exemplo, têm servido como importante instrumento de estudos. Nesse sentido, há alunos que relatam terem compreendido melhor determinado assunto dado em sala, após assistir um vídeo no *YouTube*.

Motivados pelos *youtubers*, outros alunos “brincam” de fazer vídeos na hora do recreio. Aliás, muitos deles dizem que se encantam com os *youtubers* porque há maior interação, o contato é diferente daquele com os ídolos da tv.

Não pretendo fazer aqui um estudo sobre o tema *Youtuber*, mas dizer que faz parte das vivências juvenis atuais, especificamente na Escola da Praia, a utilização das novas ferramentas da tecnologia digital. Aliás, destaco que tais meios possibilitam um espaço significativo de expressão e maior interação. Então, entendo que cinema permite a experimentação de papéis sociais, amplia o leque de relações interpessoais e o contato com informações, fornecendo elementos para a formação da identidade (BERGALA, 2000 *apud* FRESQUET, 2013). Vale enfatizar que não é nosso objeto de estudo a fixação de identidade e sim a performatividade (BUTLER, 2003), conceito que será melhor tratado adiante.

Na escola, qual a importância do vídeo? Entendo que o vídeo é um instrumento pedagógico importante para (re)significar as aprendizagens e ajudar na promoção de importantes discussões e saberes no espaço pedagógico, além de auxiliar o professor a dar respostas aos prementes questionamentos dos alunos, estabelecendo novas pontes na maneira de se aprender (MORAN, 1995). Aliás, como falei anteriormente, a atual geração de jovens está imersa na cultura digital e experimenta intensas relações interpessoais. Ora, o fazer filmes é uma tecnologia que pode ser um recurso de importante valor em sua dimensão pedagógica e, também, como instância formativa importante (LOURO, 2000). Aliás, funcionam como uma porta de acesso a conhecimentos e informações que não se esgotam neles (DUARTE, 2009).

As tecnologias nos ajudam a encontrar o que está consolidado e a organizar o que está confuso, caótico, disperso. Por isso é tão importante dominar ferramentas de busca de informação e saber interpretar o que se escolhe, adaptá-lo ao contexto pessoal e regional e situar cada informação dentro do universo de referências pessoais (MORAN, 2009, p22).

Quando utilizo o termo “tecnologia”, considero que não tem apenas um significado. Vale destacar que o tema é discutido de longa data, mas não é meu objetivo fazer um estudo acerca dessa questão. Sei que refletir sobre isso impõe considerar o contexto no qual o termo está inserido. Assim, nesse estudo e diante da modernidade, dos avanços na área da comunicação e informação que marcam a escola contemporânea, considero tecnologia como uma “ciência” que permitirá a transformação de uma realidade de aprendizagem na escola e que traz a facilitação e benefício ao aluno e professor. Nesse sentido, o teórico Pedro Demo (1995), nos dá conta de que

A educação não deve perder tempo em temer a modernidade. Deve procurar conduzi-la e ser-lhe o sujeito histórico. Nesse sentido, modernidade, na prática, coincide com a necessidade de mudança social (DEMO, 1995, p.21)

Partindo da premissa de que essa linguagem tecnológica pode ser de ensinar e aprender na escola, apresentamos, como produto didático-pedagógico, um filme elaborado pelos alunos onde eles são os autores de suas performances, ou seja, o que fazem corresponde à vontade de expressão ou de comunicação (BERNADET, 2008, p.104). Digo isso porque, esse fazer cinema não é uma exigência industrial ou comercial, enfim, tem outro cunho e não o produzir uma encomenda para diversão.

Dessa forma, tenho como objetivo que este produto sirva para elaboração de projetos educativos e, também, para educadores um recurso que como material complementar de ensino e, de certo modo, mais atraente e como instrumento de leitura voltada para a reflexão e criticidade e, especialmente que auxilie na formação de alunos mais conscientes de suas realidades por meio da transmissão de valores que podem orientar para a vida. Atraente, sim! Porque a linguagem simples é uma característica das juventudes, o que a torna acessível a todas as pessoas.

Esclareço que minha intenção, como objetivo para este produto, concorda com as práticas de assistir a filmes na escola e de apreciar o áudio-visual, bastante utilizada por alguns professores. Acredito no seu valor e na contribuição didática como um recurso que se alia ao currículo para promover importantes discussões, mas requer do docente todo um trabalho para elaborar roteiros daquilo que se pretende discutir.

Outra questão importante é a utilização da música “Garotos” do grupo musical “Kid Abelha”. Explico que me serviu tão somente para provocar a reflexão de alguns jovens em alguns momentos de nossa interação. Minha maior intenção, no momento da observação, era perceber se suas visões batiam com a letra da referida música e assim pode contribuir também para o combate de alguns estereótipos trazidos na música do grupo.

Como disse anteriormente, quando alunos são autores e atores de seus filmes, permitem a leitura e a análise de suas interações, o que torna possível ao menos uma filigrana de interpretação daquilo que performam, conseqüentemente de suas visões acerca de algo. Nesse sentido, alinho-me ao conceito de “cinema como arte” defendido pelo teórico francês Alain Bergala (2000), ou seja, a prática de fazer filmes como uma possibilidade de a pessoa vivenciar o outro, de experimentar e transitar universos diferentes e, dessa forma, galgar o sentimento de alteridade, além de uma possibilidade de construções afetivas (MARÇAL-GUTHIERREZ, 2014, p.76).

Acredito que a utilização do vídeo, na escola, seja uma ferramenta de grande valor que potencializa e dinamiza as aprendizagens e possibilita a construção de novos saberes, e isso faz do filme o resultado de um conjunto de significações, o resultado de um conjunto de significações que podem ser interpretadas e compreendidas de diversas maneiras (DUARTE, 2009, p.86). Aliás, considero que produzir um documentário também seja tarefa de fazer cinema. Nesse sentido, trata-se de uma crença na capacidade de autoria, no gesto emancipado e de leitura intelectual e sensível dos filmes, assim como processos criativos. (FRESQUET, 2013 p.25).

Crença essa que se associa ao fato de que a experiência do fazer filme na escola é uma vivência pedagógica, sobretudo colaborativa, não por ser mais um recurso didático para o ensino e aprendizagem, mas por abarcar o sentido de que a educação e o cinema são formas de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes e identidades, visões de mundo e subjetividades (MARÇAL-GUTHIERREZ, 2014, p.12).

Quanto à prática da colaboração, ao fazer um filme, refiro-me à possibilidade da qualidade educativa, ou seja, processo de construção que garante a todos condições de participar e produzir (DEMO, 1995, p.28). Nesse sentido, desenvolve a capacidade do aluno saber lidar com visões diferentes e melhoria nos relacionamentos interpessoais.

Relações de Gênero (5 min)

SINOPSE

Documentário|cor|digital/RJ|Brasil|2019

“Susi” e “Bambam” revelam alguns comportamentos entre os jovens da “Escola da Praia na ocupação dos espaços do recreio”. Suas narrativas evocam alguns dos modos de ser garoto e garota em seus relacionamentos diários. Desse relato, aparecem os conceitos “Relações de Gênero” e “Sexualidade”, os quais são apresentados de forma lúdica e didática para a melhor compreensão dos aprendentes e para auxiliar na lida diária do professor. Especialmente, esse vídeo educativo objetiva promover a reflexão de que o gênero é feito na interação e de que vivenciar a sexualidade é viver um processo intimamente ligado aos sentimentos, instituições, angústias, afetos e outros aspectos que envolvem, por exemplo, a ansiedade e a emoção. O vídeo não pretende colaborar para as “fraudes pedagógicas” (FURLANI, 2018, p.69), mas contribuir para um processo contínuo da educação sexual, servindo, assim, como linguagem que demarca o lugar da equidade de gênero, de sexo, de raça etc.

ROTEIRO

A cena começa com o efeito de *fade in...* ao passo que a voz da aluna Susi é ouvida.

Susi:

Susi	Cara, a garota não pode ver a gente de <i>short</i> na hora da educação física. Cisma com isso. Tipo fica passando a mão na perna da gente. Odeio que mulher fique me alisando... já falei que isso não é brincadeira. Palhaçada!
Vera	Isso mesmo!
Susi	Ó, outro dia ela passou a mão no peito da garota aí e quase se deu mal. O Ken e o Bambam estavam brincando de ficar arriando o <i>short</i> dos outros, aí ela veio fazendo isso em mim, aí eu dei um empurrão e falei que não gosto de mulher não! Cara, essas coisas de sexualidade acaba sendo um “saco”!

Assim que o conceito “sexualidade” for falado, entra a voz do narrador (utilizando-se de uma animação para entrada da explicação do narrador).

Narrador:

Sexualidade... é tema que não pode ser entendido separado da totalidade do ser jovem. A Sexualidade tem variados aspectos e momentos. Ela está ligada aos aspectos biológico, psicológico, religioso, afetivo e a outros possíveis da pessoa.

Mas o que é “Se.xu.a.li.da.de”?!

A sexualidade humana representa o conjunto de comportamentos referentes à satisfação da necessidade e do desejo sexual. Para a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida.

Mas, ó, aqui vai uma dica: Não confunda “Sexualidade” com “Sexo”!

O sexo se refere à definição dos órgãos genitais, masculino ou feminino, ou também pode ser compreendido como uma relação sexual, enquanto que o conceito de “Sexualidade” está ligado a tudo aquilo que somos capazes de sentir e expressar.

A partir desse momento, entram algumas “microcenas” (fotos ou vídeo) dos garotos falando “garotas” e das garotas falando “garotos”. Em seguida, a narração da “microcena” a seguir (aparecendo somente os pés dos garotos).

Ken	Acho que sim, tem diferença... acho que depende do grupo de garotas... Assim... grupo de garota, assim, padrão de 8º ano, as garotas, é... tipo buscam parecer mais maduras. Buscam parecer mais estudiosas, mais maduras, é... não querem brincar, não querem se divertir e tal... liih! Éééé... A gente gosta de brincar, quer mais se divertir, tem que estudar também, jogar bola... as garotas querem parecer mais adolescentes.
Ken	É tipo ah, querem ir no shopping...querem comprar roupas, sair, namorar... parecerem mais maduras, entende?! Os garotos querem mais se divertir mesmo... não tem... tipo, querem <i>videogame</i> , tipo, não querem saber o que os outros vão achar! Quando elas querem se divertir, elas se divertem com algo que pra gente parece bobo.
Bambam	Eu também acho. Ah, tipo, ontem eu fiquei no recreio com a Susi e Barbie e elas, tipo, aí começaram a falar de garotos, garotos, garotos, garotos. Aí enche o saco, né?!
Ken	A gente não fala de garotas.
Bambam	Elas olham pra gente e tipo... a gente não acha legal falar disso.

Ken	As garotas acham que garotos ligam pra elas falarem de garotos... garota gosta mais de conversa. A gente gosta mais de uma praia, futebol e tal... As garotas não gostam de ficar paradas.
Bambam	Nós sabemos “se virar”...
Ken	Garotas se preocupam mais com mais questões de futuro... Ah! A gente prefere muito mais se divertir do que responsabilidades. Nós só pensamos mais, quando vamos nos dar mal numa matéria... entendeu?!

Logo após isso, entra a microcena (vídeo) dos garotos ouvindo a música do Leoni e da Paula Toller “Garotos”, ao passo que a música é tocada ao fundo. Concomitante a isso, aparece uma “microcena” dos “garotos jogando bola”, das “garotas no sofá do segundo andar na hora do recreio”, dos “garotos dançando no “Justdance”. Após esse momento, entra a fala do narrador:

Narrador:

Garotas... garotos... tudo isso nos faz pensar nas “Relações de Gênero”! Esse é um assunto importante quando se fala em escola! Primeiro temos que entender, nesse momento, que “gênero” é uma divisão humana. Em outras palavras, é a interpretação cultural do sexo biológico das pessoas e das relações que devem existir em razão dos sexos (*falar com boa entonação*). Assim, a “relação de gênero” não é uma coisa pronta, estabelecida geneticamente, mas é a construção social dos papéis femininos e masculinos dentro da história da humanidade. É por isso que os papéis sociais do masculino e do feminino são diferentes nas culturas e pode ser modificado no decorrer do tempo. (ITOZ, 1999, p.112)

Após essa narrativa, inserir a “microcena” dos garotos dançando, vestidos de “mulher”, e de garotas jogando bola, ao passo que a narrativa abaixo é ouvida:

“É por isso que ouvimos muito que a mulher e o homem estão mudando e mudando também a forma de se relacionarem. Tanto o homem quanto a mulher buscam, hoje, igualdade de direitos e deveres, sem abrir mão de ser masculino e de ser feminino.” (ITOZ, 1999, p.113).

Desse momento em diante, encerra com a imagem do PPGEB e, em seguida, os créditos do vídeo aparecem (ao fundo imagens da pesquisa):

Créditos Finais:

Produção: Everson Sofiste y Guthierrez

Participação: alunos da turma do 8º ano (pesquisados)

Edição de vídeos: Bruno Almeida e Moisés de Freitas

Música: “Garotos” – Kid Abelha (Leoni e Paula Toller)

Agradecimentos: Aos alunos pesquisados e seus responsáveis e a toda “Escola da Praia”.

KID ABELHA "GAROTOS" (LEONI E PAULA TOLLER) - YOUTUBE

Garotos gostam de iludir
Sorriso, planos
Promessas demais
Eles escondem
O que mais querem
Que eu seja a outra
Entre outras iguais...

São sempre os mesmos sonhos
De quantidade e tamanho...
Garotos fazem tudo igual
E quase nunca chegam ao fim
Talvez você seja melhor
Que os outros
Talvez, quem sabe
Goste de mim...

São sempre os mesmos sonhos
De quantidade e tamanho...
Garotos perdem tempo pensando
Em brinquedos e proteção
Romance de estação
Desejo sem paixão
Qualquer truque
Contra a emoção...

Garotos perdem tempo pensando
Em brinquedos e proteção
Romance de estação
Desejo sem paixão
Qualquer truque
Contra a emoção...

Garotos fazem tudo igual
E quase nunca chegam ao fim
Talvez você seja melhor
Que os outros
Talvez, quem sabe
Goste de mim

São sempre os mesmos sonhos
De quantidade e tamanho...
Garotos perdem tempo pensando
Em brinquedos e proteção
Romance de estação
Desejo sem paixão
Qualquer truque
Contra a emoção...

REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. Alteridade. In FRESQUET, A.M. NANCHERY, C. **Abecedário de cinema com Alain Bergala**. Rio de Janeiro: LECAV, 2012. DVD.36, cor.

BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Ed. Autêntica. 3ª edição. 2009

FERRÉS, J. F. **Vídeo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual: possibilidades didáticas**. In LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 6ª edição, 2018.

ITÓZ, Sônia. **Adolescência e Sexualidade: para eles e para nós**. São Paulo: Ed. Paulinas – Col. Adolescer, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 6ª edição, 1997.

MARÇAL-GUTHIERREZ, Carla Cordeiro. **Cinema, imagens e narrativas com jovens da Baixada Fluminense**. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. Comunicação e Educação, São Paulo, (2): 27 a 35, jan./abr. 1995.